

# CONCILIAÇÃO FAMÍLIA E CARREIRA: COMPREENSÃO DE PROFESSORAS SOBRE SER MULHER NO TEMPO DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Reconciling family and career: teachers' understanding of being a woman during emergency remote teaching

*Cristiano de Jesus Andrade<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a compreensão de professoras sobre ser mulher frente a conciliação família e carreira durante o ensino remoto emergencial. O método adotado foi a pesquisa qualitativa de estudo de caso, com abordagem transversal. As participantes foram 30 professoras de educação infantil vinculadas à Secretaria de Educação de um município do sul de Minas Gerais. Como técnica, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Em relação aos resultados, constatou-se que atuar como educadoras no ensino remoto emergencial gerou implicações significativas para a identidade das participantes. Considerando que demonstraram em diversas ocasiões que se sentem em dívida com seus familiares e consigo mesmas. Tendo que se esforçar para preservar seu modo de ser mulher, sem poder perder sua identidade original. Porém, demonstraram que mesmo em meio ao sofrimento, vivenciavam o tempo todo o processo de metamorfose em suas identidades.

**Palavras-chave:** educação à distância; educação infantil; identidade (criança).

## ABSTRACT

This study aimed to analyze teachers' understanding of being a woman in terms of balancing family and career during emergency remote teaching. The method adopted was qualitative case study research, with a cross-sectional approach. 30 early childhood education teachers linked to the Department of Education of a municipality in the south of Minas Gerais participated. As a technique, a semi-structured interview was used. Regarding the results, it was found that acting as educators in emergency remote teaching generated significant implications for the identity of the participants. Given the importance of various graces they feel indebted to their family members and similar people. Having to make an effort to preserve her way of being a woman, without being able to lose her original identity. However, they demonstrated that even in the midst of suffering, they experienced the process of metamorphosis in their identities all the time.

**Keywords:** teaching methods; early childhood education; identity (children).

## INTRODUÇÃO

Em meio às novas formas de se habitar no mundo, em consequência do contexto pandêmico que a humanidade vivia, para não parar o ensino, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da Portaria nº 544, de 16 de março de 2020 (Brasil, 2020), autorizou as instituições de ensino a substituírem suas aulas que aconteciam presenciais, a serem realizadas remotamente enquanto perdurasse o período da pandemia de Covid-19, ou seja, oferecendo a aprendizagem com o auxílio de mecanismos digitais.

Esta medida fez com que profissionais tanto da rede pública, quanto privada, representantes do ensino básico e universitário pudessem continuar suas atividades profissionais (Coelho, Campos, & Moura, 2024; Andrade, & Benincasa, 2023). No entanto, a medida acabou por ampliar o escopo de trabalho realizado por estes profissionais, já que além de preparar aulas e ministrá-las, como antes já faziam,

---

1 Universidade Brasil campus Fernandópolis/SP – UMESP Doutor em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo/SP – Brasil.

necessitaram buscar novas técnicas e abordagens ao ambiente virtual (Andrade, & Benincasa, 2023). Em tempos pandêmicos, profissionais passaram a fazer um amplo uso de dispositivos tecnológicos para dar suporte a suas formas de trabalho (Araújo, 2020; Coelho e cols., 2024).

É notório que essas novas formas de “levar” a escola até o aluno, foram desafiadoras para todos os envolvidos. Os professores(as) em tempo recorde tiveram que reinventar o seu plano de aula, se aventurando em um universo desconhecido para muitos, o ensino remoto, que os fizeram permanentemente estarem em busca de aprenderem a lidar com novas tecnologias. Os(As) responsáveis (familiares), que em meio a um turbilhão de atividades e preocupações, assumiram o papel de tutores(as) e educadores(as) de seus filhos. Muitos(as) deles(as) não tinham ideia do que fazer, pois se sentiam despreparados(as) para tais atividades (Machado, 2020).

O fato é que, mesmo em regime precário, esta modalidade, apresentou diversas vantagens e desvantagens aos educadores (Gavião, & Sabino, 2021).

Tais desvantagens, podem ser vislumbradas de modo objetivo na vida das mulheres, que antes mesmo da pandemia já experimentavam uma rotina dura de conciliação maternidade e carreira (Andrade, Pereira, & Baccelli, 2024). Com a nova modalidade de ensino, a sobrecarga na vida destas tornou-se ainda mais presente. Tendo em vista que ainda hoje são elas (as mulheres), as principais responsáveis pela tarefa do cuidado (Ávila, 2020; Hirata, 2020; Macêdo, 2020; Lima, & Andrade, 2024).

Em outras palavras, tiveram de se (re)inventar, construindo possibilidades de garantirem a saúde mental preservada, mesmo experimentando o que Ciampa (1987), nomeou como identidade metamorfose.

Neste sentido, fruto de uma pesquisa financiada pela CAPES, este artigo busca analisar as avaliações de educadoras sobre as formas de ser mulher frente a conciliação vida pessoal e profissional frente ao ensino remoto emergencial na educação infantil.

## MÉTODO

Para se alcançar os objetivos propostos, foram utilizados os princípios metodológicos da pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, com recorte transversal, seguindo os pressupostos de Gil (2022).

## PARTICIPANTES

Participaram do estudo trinta mulheres professoras de educação infantil. Sendo elas concursadas da Secretaria de Educação de um município situado no sul de Minas Gerais. Todas, atuaram com ensino remoto emergencial na educação infantil entre os meses de março de 2020 até agosto de 2021, devido ao distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

A idade das mulheres varia de 29 a 49 anos, são brasileiras, no entanto, 23 nasceram no estado de Minas Gerais e 07 no estado de São Paulo.

Todas são casadas, sendo que o tempo de conjugalidade varia entre 3 e 29 anos. São mães, podendo ser compreendidas como primíparas (mães de um único filho), secundíparas (mães com dois filhos) e múltíparas (mães com mais de dois filhos).

Aproximadamente 58% serão nomeadas como secundíparas, pois tem dois filhos com idade entre 4 anos e 17 anos. 30% são vistas como primíparas, já que são mães de um único filho com idade entre um ano e meio até 17 anos.

Aproximadamente 12% são compreendidas como múltíparas, uma vez que tem mais de dois filhos com idade entre 5 e 17 anos. 16 delas se definem como brancas, 4 negras e 10 pardas, 23 declaram ser católicas e 7 evangélicas, 17 pertencem a famílias constituídas por até quatro pessoas, 9 a famílias com até três pessoas e 4 compõem famílias com mais de 6 integrantes.

No tocante a remuneração, 15 recebem de 2 a 6 salários-mínimos, 8 de 1 a 2 salários-mínimos e 7 de 6 a 9 salários-mínimos mensais.

Quanto à formação escolar, 11 possuem ensino médio completo, 9 ensino superior completo e 10 ensino superior com pós-graduação (Especialização). Possuem entre 5 e 29 anos de profissão, e dedicam entre 6 e 8 horas por dia na atividade profissional (em tempos não pandêmicos).

Foram convidadas a participar da pesquisa, por contato telefônico e por convite via WhatsApp.

Respeitando as questões éticas, neste primeiro contato foram apresentados à participante os objetivos da pesquisa, além de também ter sido alertado que a participação era de livre escolha. Indicou-se ainda para a necessidade, na ocasião da entrevista, da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tanto pela entrevistada como pelo pesquisador. Sendo garantido o sigilo sobre sua identificação.

Por fim, cabe salientar que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa vinculado à Universidade Metodista de São Paulo, segundo parecer número 4.480.179 de 21 do 12/2020.

## COLETA DE DADOS

A entrevista semi dirigida foi escolhida para a coleta de dados. Realizou-se em um único encontro (virtual, com o uso de aplicativos).

Para direcionar o diálogo, foi elaborado um roteiro de perguntas, sendo que todas as questões constantes neste instrumento, foram pensadas a partir de estudos já realizados com mulheres frente a conciliação de carreira e família, pois eram inspiradores para tal propósito.

Como questão inicial, perguntou-se à entrevistada: Como você se via tendo de conjugar sua atuação no ensino remoto emergencial com sua vida pessoal no tempo de pandemia?

Foram também coletadas informações sobre os aspectos sócio-demográficos, através de um questionário elaborado pelo próprio autor (Andrade).

## ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas gravadas foram transcritas, sendo realizada também uma segunda escuta para conferir a fidedignidade dos dados da transcrição. Observou-se também, comportamentos não verbais emitidos pelas entrevistadas (silêncios e ruídos percebidos, choros e risos).

Os resultados serão apresentados em forma de discussão embasada nas reflexões de autores da teoria de gênero e da Psicologia Social que de alguma maneira possa estabelecer alguma conexão com os achados na coleta de dados. Foram levados em consideração todos os aspectos observados a partir das entrevistas.

Os dados foram analisados a luz do método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2021). Visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição o teor das respostas, tentando compreender criticamente o sentido das mensagens, através de uma busca incessante por significações explícitas e ocultas (Bardin, 2021).

Todo o conteúdo e a saturação das falas foram analisados, a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: categorização, inferência, descrição e interpretação dos resultados (Bardin, 2021).

Isso porque buscou-se realizar uma síntese categórica, priorizando os aspectos mais importantes das mensagens, reduzindo os dados repetitivos e agrupando-os em categorias temáticas, no qual serão nomeadas como Categorização das Informações. Essas categorias temáticas foram criadas para sistematizar os resultados obtidos (Bardin, 2021).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de se adentrar nas narrativas das mulheres propriamente ditas, cabe salientar que estas serão apresentadas em duas categorias. Na primeira **“A identidade no “entre”: (Re)pensando o ser mulher frente à conciliação das funções família e educadora no ensino remoto emergencial na educação infantil”**, serão discutidos como as participantes percebem os modos que se viam como mulher mediante a conciliação das atividades educativas no ensino remoto emergencial com as atividades de cuidado atribuídos a família. Pretende-se avaliar como as mesmas se identificavam com a mulheridade que podiam vivenciar, bem como serão avaliadas as maneiras que desejavam se experimentarem. Na segunda, nomeada como **“A preservação da identidade: Um olhar para as possibilidades de ser mulher frente o trabalho no ensino remoto emergencial”**, serão problematizadas as questões inerentes as maneiras que encontraram de serem preservadas identitariamente como mulheres, além de serem refletidas, as implicações psicológicas que tal esforço as empregou.

Cabe também apontar que para cumprimento dos aspectos éticos, os nomes das mesmas não serão divulgados, assim, as mulheres sempre serão referidas pelo termo “participante” acompanhado de um número que as ordene na classificação em que foram entrevistadas.

### **A identidade no “entre”: (Re)pensando o ser mulher frente à conciliação das funções família e educadora no ensino remoto emergencial na educação infantil**

Entre as tantas perdas oriundas da pandemia da Covid-19 que a humanidade experimentou e de certo modo ainda experimenta, encontra-se a perda da liberdade de ser quem se é, ou de ser como quer. Como é o caso das mulheres que neste estudo são analisadas.

Haja vista que em um universo de 30 entrevistadas, 12 falam do sentimento que experimentavam em ser mulher frente a múltipla jornada no tempo pandêmico. Uma vez que no cotidiano do período que cumpriam o ensino remoto emergencial, elas tinham de ser mães, teletrabalhadoras de educação infantil, filhas, esposas, mas não se apresentavam efetivamente como mulheres em suas formas singulares e livres de ser.

Em seus discursos, apontam a sobrecarga, sendo representada pela falta de tempo como o fator que mais implicou em suas trajetórias, visto que em meio a tudo que experimentavam, sentiam-se como quem estava em “perda de identidade”, já que poderiam ser tudo, menos mulheres no sentido genuíno da palavra, conforme se verifica nas falas que seguem.

“Eu nem sabia mais quem realmente era! Me via totalmente misturada entre minhas funções, mas não estava preparada para tanta coisa” (P. 5).

“No meio daquilo tudo não me encontrava mais como mulher. Estava sendo a professora, a mãe, a dona de casa, mas não conseguia ser a mulher que sou” (P. 2).

Verifica-se que a função de educadora no período de ensino remoto emergencial, acompanhada de todas as especificidades que o tempo pandêmico trazia, afetou diretamente a identidade destas mulheres.

No caso da participante 2, o desafio se agravou ainda mais. Já que tem uma singularidade se comparada com as demais. Uma vez que é uma mãe primípara e ainda estava “aprendendo” a lidar com suas habilidades maternas, profissional e mulher, conforme se verifica.

“Foi em um momento em que eu ainda estava aprendendo a administrar os papéis de mãe e de professora, de esposa e mulher. Mesmo assim eu ainda tive que cair em uma pandemia, então me vejo como uma sobrevivente disso tudo” (P. 2).

Apesar de se compreender como uma “sobrevivente”, a participante (2), não aponta que vivia sua vida pessoal, conforme relata:

“Minha sobrecarga era grande porque não podia me desligar dos alunos, nem do meu filho que estava pequeno. Eu queria ver ele bem, levar para passear, mas o pior é que não podia sair de casa porque meu marido é um homem que tem a saúde de risco. Então quando saía, voltava

angustiado por medo de trazer algo para ele. Mesmo que eu fosse na praça, que é onde meu filho gosta de brincar, ficava com medo de ir. Então por ele, ficava só em casa e isso cansou bastante, não foi fácil” (P. 2).

Em meio ao desafio que experimentava a participante (2), ela justifica que “não se sentia apoiada e nem reconhecida, como afirma: “Eu me cansava ainda mais por ter filho pequeno, mas não havia uma sensibilidade em compreender isso por parte das pessoas, eu abria mão da minha vida pessoal para dar conta da minha carreira” (P. 2).

Frente a afirmativa da entrevistada (P. 2), verifica-se que na recomendação de ficar em casa, como ressalta Butler (2020), havia uma certa presunção de funcionamento da estrutura de cuidado baseada nas relações de gênero, abrindo espaço também para redefinições, buscando “manter vivas as correntes de afeto, comunidades, alianças querer e solidariedade online” (Butler, 2020, n. p.).

Seria possível uma nova cartografia política, tensionando a relação público/ privado que o dispositivo casa dispara? Diante dessa reflexão, significados vinculados ao cenário doméstico precisam ser desnaturalizados, já que casa e lar não são sinônimos (Bittencourt, 2020). Se, por um lado, o conceito de casa é historicamente compreendido como um espaço físico que proporciona o descanso e a reunião familiar, por outro lado carrega noções subjetivas de carinho e afeto (Schwarcz, 2020).

No caso das mulheres participantes desta pesquisa, a culpa em assumir a própria vida e desejarem suas vontades, bem como fazer o que querem, aparece como um afeto que atravessava suas realidades. Visto que o discurso a seguir, corrobora com a participante anterior (2), como pode ser analisado.

“Não foi nada fácil, porque não tinha tempo para nada, muito menos tempo para fazer algo para mim. Tentava me organizar melhor, às vezes saía com amigas para um café, em segurança é claro, mas ficava dividida em estar lá e deixar meus filhos em casa” (P. 20).

A participante em questão, assim como a participante 2, também tem uma especificidade, vivencia a maternidade de modo solo, uma vez que se divorciou e não recebe o apoio do ex-marido. Desta forma, buscava estratégias, dentro do

possível, para ser mulher, como o apoio através de um suporte social, ou de vias eletrônicas como câmeras de vídeo. Como pode ser lido.

“A moça que trabalha aqui em casa, na época fazia algumas coisas para mim, cuidava deles para eu ir tomar café com amigas. Então ficava mais tranquila. Mas quando ela ia embora eu ligava as câmeras e monitorava eles a distância (P. 20).

A fala anterior, revela o quanto as mulheres tiveram de se dividir para dar conta de suas funções de mães e trabalhadoras na pandemia da Covid-19. Contando com suporte social, ou com apoio de mecanismos eletrônicos, como instalar câmeras em casa. Contudo, isso não as aliviavam da angústia que experimentavam em não poder ser onipotente e não dar conta de tudo simultaneamente. Uma vez que a mesma participante (20), reflete sobre sua atitude. E ao invés de identificar como um modo de enfrentamento, coloca-se em dúvida, remetendo a sua carreira, já que é educadora, “não combina com o que atuou”, navida pessoal, aparentando mais uma manifestação de sintoma e não uma estratégia de enfrentamento. Como pode-se verificar:

“Coloquei câmeras internas nos cômodos, às vezes tinha de sair e deixá-los sozinhos, então não tinha como eu ter controle. Não é o mais interessante. Às vezes penso, como poderia eu, uma educadora ter feito isso? Mas como sou insegura, fiz isso” (P. 20).

Além da participante anterior (20), as falas que se seguem também nutrem o sentimento de cobrança, como se apresentam:

“Não tinha tempo nem para mim. Quando queria fazer algo, precisava abrir mão de alguma coisa, mas me cobrava por isso. Porque tenho que dar conta de tudo e deixar algo para depois? É o que mais me questionava” (P. 1).

“Não tinha tempo para cuidar de mim! As vezes que parava de trabalhar, ia assistir televisão, isso é o que dava para eu fazer. Só que ficava ali com o pensamento em tudo que ainda tinha que fazer. Meu dia nunca acabava, meu pensamento nunca parava” (P. 25).

“Até dava sim para cuidar de mim, mas gastava um tempo maior. Por exemplo: se gastaria uma hora antes como hoje gasto, na época eu gastava duas, porque era tudo mais complicado com trabalho em casa e ainda tendo filho pequeno” (P. 26).

Parece culpar-se até por ser mãe, uma vez que o fato de ter um “filho pequeno”, representa em seu discurso, como se fosse um fator inibitório do cumprimento de seu serviço, bem como para que pudesse se experimentar como mulher. Uma vez que dar a si possibilidades de cuidado poderia atravessar o espaço que o bebê a permitia, ou não ter. O que fazia com que renunciasse a se cuidar como gostaria, segundo o que relata.

“É! Foi tudo muito difícil! Quando pensava em cuidar de mim. Por exemplo: se queria alisar meu cabelo, meu bebê que na época tinha um ano ficava na minha perna, grudado. Então eu esperava ele dormir para fazer, ou não fazia” (P. 26).

Na fantasia de controle, o que se verifica é que estas mulheres no cotidiano experimentaram uma realidade de despersonalização, pois acabaram por se tornar instrumentos na relação com o outro. Dedicando-se desmedidamente a uma função de trabalho, que é o que anteriormente lhes dava garantia do lugar de sujeito social.

Em tempo de pandemia, ao buscar preservar o reconhecimento, ainda que não se manifeste, dedicavam-se integralmente as suas existências como mulher ao ser família, conforme apontam Gavião e Sabino (2021). Contudo cabe questionar, cadê o ser mulher de cada uma? Como era ser mulher para elas? Revestirem-se de um lugar de instrumentalidade e não de autoras/protagonistas de seus desejos? Isso era ser mulher? Talvez, o que experimentavam é uma real condição de adoecimento, porém não nomeada, já que em seus processos subjetivos não davam conta de bancarem outros modos de ser pessoa, devido a culpa que poderiam vivenciar frente à julgamentos sociais.

Mas será que tal culpa é de fato oriunda de cada uma destas mulheres? Como esta foi construída?

Pensando nas pressuposições das autoras componentes da terceira onda da teoria de gênero, representada aqui no Brasil por autoras como Hirata (2020), Macêdo (2020) e Ávila (2020), pode-se compreender que a mulher aprende a performar. Cabe questionar: aprende a performar mesmo; no caso das participantes, parece terem aprendido, mas a primeira identidade que demonstraram abandonar nesta jornada performática foi a de si mesma. Desta forma, como fica sua originalidade em ser mulher? Cadê o ser mulher? Questiona-se

tal identidade, pois se compreende que o ser original como uma mulher é o que dá origem para os demais papéis que cumprem diariamente.

Neste sentido, insere-se no debate as reflexões de Ciampa (1987), em que ao pensar no processo identitário do sujeito nas relações sociais, defende a ideia de que um dos modos de ser sujeito é funcionar em uma perspectiva “pressuposta”. Em outras palavras, este é um fenômeno que se não refletido, pode afetar a todos, já que antes mesmo do emergir de uma relação, é possível que os futuros pares já tenham expectativas que irão interferir significativamente no desenvolvimento e formação do modo de ser de cada um neste contexto, como o apresentado na realidade das mulheres participantes deste estudo.

Ciampa (1987) afirma que quanto maior for o conformismo com as convenções sociais/situações, ou imposições, mais as identidades pressupostas são repostas/reproduzidas de forma a consolidar uma tradição que vê como natural o que é social e histórico (Pacheco, & Ciampa, 2006).

Mesmo quando a identidade é percebida como estática, como quando não se tem tanto contato social (vivências das mulheres da educação infantil em tempo de ensino remoto emergencial na pandemia da Covid-19), parecendo não sofrer modificação. O tempo todo a identidade destas estava sendo transformada, pois à medida que, através de ações, o sujeito “repõe” aquilo que a sociedade “põe” como certo, ou seja, aquilo que as normas sociais e a ideologia dominante estabelecem ser o mais adequado. Suas identidades estão se transformando, ou passando por uma metamorfose (Pacheco, & Ciampa, 2006).

Assim, torna-se possível afirmar que mesmo em condição de isolamento social, a metamorfose identitária também foi experimentada pelas mulheres participantes deste estudo, em conciliação com suas funções trabalhistas e familiares na pandemia.

Como se verifica no discurso de outras participantes, uma consciência atenta quanto ao que se experimentava, mas sem se perder de si (condição de ser mulher), sinalizando que é possível desenvolver autocuidado sem sentirem culpa. Como pode ser analisado:

“Quando minha bebê dormia, eu ia para a academia, chegava, tomava banho e na sequência

já ia pesquisar. São pequenos espaços de tempo que eu dava para mim. Onde eu fazia pequenas encaixadas nas atividades” (P. 18).

O que a participante anterior apresenta, pode ser nomeado como autoconhecimento, ou empoderamento de si, uma vez que para que pudesse cuidar do outro, antes precisava se reconhecer e se cuidar. Revelando que de algum modo, conseguia preservar algo de sua identidade feminina, assunto que será tratado a seguir.

### **A preservação da identidade: Um olhar para as possibilidades de ser mulher frente o trabalho no ensino remoto emergencial**

Ciampa (1987), defende que “Ser para si é buscar a autodeterminação. Procurar a unidade da subjetividade e da objetividade, que faz do agir uma atividade finalizada, relacionando desejo e finalidade, pela prática transformadora de si e do mundo”.

Em confirmação a ideia do autor (Ciampa, 1987), as mulheres participantes deste estudo, se apresentam como aquelas que são historicamente “atribuídas” as múltiplas tarefas. No entanto, demonstram particularidades, pois mesmo sendo cobradas em um período de dor, cada uma ao seu modo, buscaram estratégias para enfrentar os desafios do cotidiano como educadoras remotas e mães na pandemia da Covid-19, como aponta a participante 05. “Já que não tinha outro modo, eu me adaptei, pois era o necessário” (P. 10).

Contudo, também buscavam estratégias de autocuidado e bem-estar subjetivo em meio a esta trama de situações que estavam impelidas a viverem no mundo em pandemia, valendo-se da criatividade, ou de atividades costumeiras para se manterem integradas, conforme os discursos que se seguem:

“Aos poucos eu fui conseguindo ter tempo para mim, por que quando começou a pandemia, eu ia ao salão só para cortar o cabelo, minhas unhas eu mesma fazia. Só que eu tinha meus momentos que parava tudo e falava, agora é meu tempo” (P. 23).

“Eu não estava ficando com tempo nenhum para mim, ficando muito fechada só trabalhando. Ai decidi me dar uma hora do dia para ir à academia e respirar um pouco. Deu certo, porque eu voltava mais relaxada e pronta para trabalhar” (P. 5).

Pode se verificar que estas mulheres, cada uma ao seu modo conseguiram manter uma área da identidade preservada, favorável à saúde mental, pois foi o que as auxiliou no processo de ruptura com o que se nomeia como “identidade mito”. Ou seja, aquela em que a pessoa apenas reproduz o imposto pelo social sem questionamento e/ou responsabilidade com relação a sua identidade própria (Pacheco, & Ciampa, 2006).

No caso destas participantes, mesmo estando em meio à captura de uma máquina (Andrade, & Benincasa, 2023), onde eram o que produziam, mantiveram-se integradas. Fazendo com que procurassem (re)pensar suas rotinas e encontrar um lugar para serem mulheres, como se verifica:

“Eu não tinha tempo para fazer nada para mim, mas depois que foi passando o período mais duro, comecei a pôr como prioridade algumas coisas. Todo dia aos fins de tarde eu saía para andar de bicicleta, as vezes ia caminhar. Fazia isso para sair um pouco do trabalho, para respirar. Pois do contrário ficava na frente do computador 24 horas por dia” (P. 7).

“Junto com algumas colegas eu buscava fazer atividade física numa academia ao ar livre. Isso foi bem depois que tudo começou, me fazia muito bem. Porque durante muito tempo fiquei sem cortar cabelo e sem fazer unha. Aos poucos fui voltando a me cuidar” (P. 11).

Na contramão das mulheres que se comportaram como instrumentos, deixando de existir como uma originalidade feminina, passando a ser uma função. As participantes anteriormente citadas (P. 7 e P. 11), demonstram em seus discursos, que cumpriam função de trabalhadoras, mas não se viam unicamente para isso. Isso pode ser explicado, pois a busca por contato social, por se estar com o outro no dia-a-dia é um desejo/necessidade destas mulheres. Uma vez que desde o nascimento, o sujeito encontra-se inserido numa cotidianidade. “O amadurecimento do humano significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana desta (camada social) em questão” (Heller, 1992, p. 18, grifos da autora).

Nestas objetivações, o sujeito vai subjetivando a realidade objetiva cotidianamente encontrada (Lima, & Andrade, 2024).

Ampliando a reflexão, os discursos anteriores reforçam quem são estas mulheres atuantes. Cada uma ao seu modo se entregaram a suas rotinas, mas também se mantiveram produtivas, como já eram antes da pandemia da Covid-19 e bancaram este mesmo lugar, porém em risco de um sofrimento que as levavam esperar ser reconhecidas e não foram. Uma vez que até mesmo sendo suas habilidades boas, possuem fragilidades no desejo, pois este vem delas e não dos outros que formam o mundo que as circundam.

Quando se existe na função, não tem identidade, então fica mais refém do reconhecimento do outro. O que nos leva a pensar, que pode ser devido a terem superado a fragilidade que se posicionaram elas próprias buscando se cuidar, pois assim, sentiam-se se reconhecendo. Não demandando tanto do olhar do outro, já que ao modo como poderiam, já se viam e se reconheciam.

Vislumbrando estes achados, confirma-se que a metamorfose identitária pode ocorrer como superação, quando se emancipam de valores estigmatizantes e preconceituosos impostos pela sociedade e/ou apropriados, possibilitando assim um agir mais livre e criativo para realização de suas metas e desejos, o que é a expressão da “mesmidade” (Pacheco, & Ciampa, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando analisar as compreensões de professoras sobre ser mulher frente a conciliação família e carreira na atuação no ensino remoto emergencial, na pandemia da Covid-19. Os achados deste estudo, evidenciam que a inserção compulsória ao ensino remoto emergencial em educação infantil implicou na redução do tempo de vida pessoal destas mulheres para descansar e se revigorar, fisicamente e psiquicamente. Tal redução, parece ter afetado negativamente a saúde mental destas, pois a medida em que foram discursando, apontaram significativa elevação no nível de sofrimento psicológico, como os sentimentos de angústia.

As relações familiares e sociais destas trabalhadoras parecem também ter sido prejudicadas, na medida em que estas não dispunham de tempo hábil para interagir socialmente com os cônjuges, filhos, ou seus familiares primitivos.

O que se evidencia é que o ensino remoto, embora necessário tenha sido para garantir o

distanciamento social, para estas educadoras funcionou como uma desvantagem, já que delas se cobrou ainda mais autodisciplina. Assinalando que com os horários indefinidos decorrentes da flexibilidade de jornada, as profissionais, se viram no risco de se tornarem *workaholics*, já que afirmaram não darem conta de se desconectar das atividades profissionais, mesmo estando em horário de vida pessoal.

Tais vivências, pode-se configurar como prejuízos no aqui e agora das mulheres, já que estes sofrimentos podem se cronificar e se transformar em adoecimento.

Assim, esta cronificação, pode vir as condenar a sempre estarem dispostas a responder aos desejos dos outros de modo automatizado sempre que demandadas, mesmo com o término do período pandêmico.

É notório que a realização dos múltiplos papéis, conjugado com as amplas demandas advindas do ensino remoto, acabou por distanciar as participantes de seus familiares, tanto no sentido físico, quanto simbólico, ou mesmo no cumprimento de suas funções de mães. Elas demonstraram que se sentiam aquém do que desejam, conforme pôde-se compreender nas narrativas das mulheres que apontaram sentirem-se “culpadas”, ou mesmo “inadequadas por tomarem atitudes como foram convocadas a tomarem”.

Diante do que se pôde avaliar, conclui-se que embora houve diferentes condições para o exercício da quarentena. A pandemia nos deixa como convocação pensar ou habitar intensivamente o espaço da casa. Isto é, mesmo estando estas mulheres educando a partir do ensino remoto emergencial em casa, este contexto continuou sendo uma imagem fortemente evocada como uma representação social dotada de cobranças para com as mulheres. O que nos impõe a analisar criticamente as formas de se viver a vida no interior das casas, lares ou famílias (domínios discursivos que produzem diferentes significações). Tendo em vista que não se pode prescindir de abordar relações de poder, desigualdades, formas de dependência e vulnerabilidades que, atravessadas por questões de gênero, raça, sexualidade, geração, territorialidade e outros mapas analíticos, mais que nunca gritados pelo mundo em pandemia, produzem subjetividades.

O conceito tradicional de lar não é represen-

tado efetivamente pelas residências das mulheres participantes deste estudo, pois no mesmo contexto em que residiam, elas também eram trabalhadoras profissionais. Assim, esta dicotomia, acabou por servir ao longo da pandemia como produção de silenciamentos devido ao lugar de entre que estas mulheres ocuparam.

Por fim, cabe dizer, que mesmo o estudo tendo respondido ao que pretendia seu objetivo. A realização de novas pesquisas para aprofundar os resultados nesta já obtidos se faz relevante, pois quanto mais se ampliam as informações à comunidade em questão, mais caminhos de esclarecimentos se desenharão visando à conciliação família e carreira, com ou sem pandemia.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, C., & Benincasa, M. (2023). Teletrabalho na educação infantil: (Re)pensando potências e desafios no período de pandemia da Covid-19. *Revista Eletrônica Esquiseduca*, 15(39), 526-543. <https://doi.org/10.58422/repesq.2023.e1416>
- Andrade, C. J., Pereira, A. F., & Baccelli, M. S. (2024). Estratégias defensivas utilizadas frente à conciliação maternidade e trabalho: (Re) pensando o caso das profissionais de educação. *Organizações em Contexto*, 20(40), 301-321. <https://revistas.metodista.br/index.php/organizacaoesemcontexto/article/view/1314/1128>
- Araújo, A. C. A. (2020). O cenário desafiador da pandemia e a educação infantil. *Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação*, 5(Esp.), 26-28. <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/144/213>
- Ávila, M. B. (2020). Trabalho das mulheres em tempos de pandemia [Vídeo]. *SOS Corpo: Instituto Feminista para a Democracia*. <https://www.youtube.com/watch?v=FRIKWT84zZg&t=1132s>
- Bardin, L. (2021). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bittencourt, R. N. (2020). Pandemia, isolamento social e colapso global. *Revista Espaço Acadêmico*, 19(221), 168-178. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827>
- Brasil. Ministério da Educação. Portaria nº 544 de 16 de junho de 2020. (2020, junho 17). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, ano 114, p. 62, 17 de junho de 2020. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>
- Butler, J. (2020, 17 maio). Quando a economia se torna o berro angustiante dos eugenistas: Visões sobre a quarentena por Judith Butler [Entrevista concedida a J. Dominguez, & R. Zen]. *Mídia Ninja*. <https://midianinja.org/juanmanuelpdominguez/quando-a-economia-se-torna-o-berro-angustiante-dos-eugenistas-visoes-sobre-a-quarentena-por-judith-butler>
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: Um ensaio da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Coelho, P. M. F., Campos, A. L. A., & Moura, S. C. A. (2024). Tecnologia digital e educação no Brasil em tempos de pandemia. *Revista NuestrAmérica*, (22), 1-24. <https://zenodo.org/records/10672483>
- Gavião, V. C., & Sabino, P. Q. F. (2021). Novos arranjos do trabalho feminino: Análise dos impactos causados pela pandemia do Coronavírus (COVID-19) no trabalho da mulher. Em M. T. Viana, V. C. G. Bastos, & V. Costa (Orgs.). *A bolsa ou a vida: Reflexões jurídicas sobre trabalho e pandemia* (pp. 129-141). Belo Horizonte: RTM.
- Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa* (7ª ed.). São Paulo:

- Atlas.
- Heller, A. (1992). *O cotidiano e a história* (4ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Hirata, H. (2020). Comparando relações de cuidado: Brasil, França, Japão. *Estudos Avançados*, 34(98), 25-40. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.003>
- Lima, A. P., & Andrade, C. J. (2024). Masculinidades e trabalho: Antagonismos entre virilidade e cuidado na cultura de saúde e segurança ocupacional. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(12), 2927-2944. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i12.17036>
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: Tecendo sentidos. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 12(2), 187-204. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>
- Machado, P. L. P. (2020). Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 8(6), 58-68. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tempos-de-pandemia>
- Pacheco, K. M. B., & Ciampa, A. C. (2006). O processo de metamorfose na identidade da pessoa com amputação. *Acta Fisiátrica*, 13(3), 163-167. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-0190.v13i3a102746>
- Schwarcz, L. (2020, maio 04). Casa não é a mesma coisa que lar (e vice-versa). *Nexo Jornal*. <https://www.nexojornal.com.br/casa-nao-e-a-mesma-coisa-que-lar-e-vice-versa>